

*Texto extraído dos cursos ministrados aos domingos  
por Dr. Roberto Assagioli no Istituto di Psicossíntesi, Florença. Lição 01/1971.*

*Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo, fevereiro/2019.*

## **A PSICOLOGIA E A EXISTÊNCIA HUMANA**

Roberto Assagioli

O próprio fato de estar vivo, de existir, de maneira independente e em relação com os outros, o estar no mundo, segundo a expressão de Heidegger, coloca-nos diante de uma série de situações que podemos chamar “existenciais”. São as várias etapas da vida, do nascimento à morte física; a atitude em relação ao mal, o sofrimento, as doenças. Por outro lado, a ampla série das relações interpessoais: acima de tudo as pessoas da família (mãe, pai e seus substitutos), a polaridade psicosssexual em todos os níveis, a questão do isolamento e da comunicação, enfim a atitude em relação à natureza, ao mundo em geral e ao universo.

Tudo isto pede, exige “tomadas de posição” e, portanto, decisões; mas as decisões são atos de vontade, uma vez que o decidir é um dos estágios do ato volitivo.

Estas são as situações diante das quais todo ser vivo se encontra. Existe ainda uma condição mais específica que se pode chamar “angustia existencial”, da qual, neste momento, se fala muito e é importante compreender no que consiste.

Antes de mais nada um esclarecimento semântico sobre a palavra “existencial”: esta faz pensar no existencialismo filosófico sobre o qual se tem muitas vezes ideias confusas e erradas. Fala-se do existencialismo como se fosse uma concepção ou uma doutrina unitária, mas na realidade esta palavra é usada em sentidos muito diferentes e até opostos. Franckl disse justamente: “Existem tantos existencialismos quantos existencialistas” (Franckl, *The Will-to-meaning*, p.3).

Não posso entrar em uma discussão teórica sobre existencialismos e nem é necessário. Ao falar de “situações existenciais”, não se trata de teorias ou filosofias, mas de situações reais, de fato, vividas, experimentadas.

Das afinidades e diferenças entre a psicossíntese e certas concepções existenciais falei na minha palestra no Congresso Internacional de Psicoterapia em Viena em 1961, e publicada em meu livro *Psicossíntese*. A angustia existencial não depende de situações especiais, de relações externas nas quais o indivíduo pode ser encontrado, mas é produzida por uma crise interna. Esta pode assumir vários aspectos, mas sua natureza e seu significado podem ser descritos do seguinte modo: “Às vezes em seguida a uma série de decepções; não raro depois de um forte abalo moral, como a perda de uma pessoa querida, mas às vezes também sem causa aparente, em meio

ao pleno bem estar e a favor da sorte, surge em alguém uma vaga inquietude, um senso de insatisfação, de falta, mas não a falta concreta, mas sim de algo vago, fugaz, que não se sabe definir. Acrescenta-se assim um senso de irrealidade, de futilidade da vida comum; todos os interesses pessoais que antes tanto ocupavam e preocupavam “empalidecem”, por assim dizer, perdem sua importância e seu valor. Novos problemas se insinuam; a pessoa principia a questionar o sentido da vida, o por que do próprio sofrimento e o dos outros, qual a justificativa de tantas disparidades de sorte, a origem da existência humana, seu objetivo. O estado de agitação torna-se sempre mais penoso, o vazio interno mais intolerável; a pessoa tem o senso de aniquilamento, tudo que formava sua vida parece um sonho, dissolve-se como um fantasma”. (Il risveglio dell’anima).

A independência desta angustia existencial de qualquer situação externa foi exposta de modo evidente, aliás, dramático, por Leon Tolstoi nas suas Confissões.

Mas tal crise existencial é em geral somente uma etapa de passagem; ela precede um “despertar” interno, a tomada de consciência de uma esfera mais ampla, o contato com uma Realidade superior, faz descobrir um novo significado e valor da vida. Muitas vezes o despertar é acompanhado por um senso de luz, sentimentos de alegria e amor, por um impulso de adesão e comunhão com a Vida Universal, com a Divindade.

Os testemunhos e as descrições deste novo e superior “modo de ser”, são numerosos. Podem-se encontrar nos livros de James, (*La coscienza religiosa*) de Bucke (*Cosmic Consciousness*) de E. Underhill (*Mysticism*) e em outros.

Alguns dos mais típicos, dentre os quais de Tolstoi e Tagore são reportados no meu texto O Despertar da alma.

A psicologia – ciência do homem – deveria propiciar os meios para compreender, enfrentar estes problemas existenciais e ajudar a chegar à solução. Mas a psicologia cinética, que se desenvolveu nas últimas décadas do século XIX, não oferece esta ajuda. Ela se moldou em grande parte nas ciências naturais e procurou aplicar ao ser humano os métodos experimentais e os critérios quantitativos para o estudo dos fenômenos externos. Por isso ela permaneceu por assim dizer na superfície do ser humano, não penetrou em sua verdadeira natureza.

Estudou o ser humano de um modo que se poderia chamar “anatômico”, analisou várias funções: sensação, memória, inteligência e etc., como se fossem atividades por si ultrapassadas, não referidas a um sujeito vivo (estudou e estuda o comportamento externo do ser humano e acredita poder compreendê-lo deste modo, mas não conseguiu, e não poderia conseguir).

Foi desenvolvendo a psicologia clínica ou psicopatologia, que teve a sua maior expressão na psicanálise. Esta pesquisou principalmente a vida psíquica inconsciente e suas relações com a consciência, mas em geral ocupou-se quase exclusivamente dos aspectos inferiores e patológicos da psique.

Porém nem toda a psicologia permaneceu fechada de fato senão de nome neste circuito positivista e materialista. Foi feita também uma série de estudos do ser

humano que podem ser reagrupados sob o nome de “psicologia humanista”, que recentemente foi chamada a “terceira força” na psicologia, distinguindo-a das outras duas maiores correntes psicológicas, a comportamental (behaviorismo) e a psicanalítica.

Neste ponto é oportuno outro esclarecimento semântico ou terminológico. O significado dado geralmente fora da psicologia à palavra “humanística” refere-se à “cultura humanista”, baseada na cultura greco-romana e sobre seus desenvolvimentos posteriores e se contrapõe à cultura e às atividades científicas. Recentemente, no entanto, na psicologia a palavra “humanista” é usada, principalmente na América, para designar uma psicologia que estuda e procura compreender o ser humano em todos os seus aspectos, suas necessidades, comportamentos e reações diante da vida, suas aspirações e suas metas; pode-se afirmar que é uma psicologia existencialista em sentido lato.

Um dos maiores psicólogos e cultores da psicologia científica foi ao mesmo tempo, ou melhor, paralelamente, um pioneiro da psicologia humanista: William James. Pode-se dizer, em certo sentido, que ele tenha tido duas personalidades: a primeira, estritamente científica no sentido acima mencionado, que se expressou na grande parte do seu clássico tratado: Princípios da Psicologia, segunda, uma personalidade sutil, sensível, que teve intensas crises existenciais e que, portanto, esteve consciente destes problemas.

James era dotado de intuição, de ampla visão e também coragem antiacadêmica. Isto é demonstrado principalmente no estudo e no exame dos fenômenos e problemas parapsicológicos, que em seu próprio tempo, ainda mais que agora, eram tabus para os psicólogos oficiais!

Pois bem, William James reconheceu e afirmou aquilo do que agora se ocupa a psicologia humanista, isto é a existência de poderes latentes, de possibilidades não utilizadas pelo ser humano.

James declara: “Não tenho nenhuma dúvida que a maior parte das pessoas vive tanto fisicamente quanto intelectualmente e moralmente, usando uma parte muito restrita das potencialidades.....O assim dito “homem normal”, o que podemos denominar “filisteu saudável”, é somente uma pequena parte do que poderia ser, e temos todos reservas de vida para aproveitar, que nem sequer sonhamos”. (Henry James, ed.: The Letter of William James, Atlantic Montly press, Boston).

“Em confronto ao que deveremos ser, estamos só meio acordados. Os nossos fogos estão apagados, as nossas potencialidades estão impedidas, e fazemos uso somente de uma pequena parte de nossos recursos físicos e mentais” .... “De todas as criaturas existentes sobre a terra, somente o homem tem o poder de mudar a si mesmo, somente o homem é autor do próprio destino”. (Citado em The Third Force di Frank Goble, New York Grossmann, 1970).

Alguns aspectos humanistas podem ser encontrados também nas concepções de McDougall, Jung e Adler. Principalmente nas duas últimas décadas a psicologia

humanista teve um rápido e exuberante desenvolvimento. Nomearei entre os seus mais notáveis representantes Viktor Frankl, Eric Fromm, Rollo May, Charlotte Bühler; mas seu maior representante, do qual lastimamos a recente e prematura perda, foi Abraham Maslow.

Maslow, depois de ter passado pelo Behaviorismo e depois de um período de atividade psicanalítica, reconheceu as limitações e voltou seu interesse ao estudo dos aspectos normais do ser humano, e promoveu a psicologia do “homem saudável”. Fazendo este estudo, sem preconceitos, do “homem total”, ele reconheceu outro fato de grande importância, ou seja, que o homem saudável não é o último termo da existência e do desenvolvimento da humanidade. No homem muitas vezes encontram-se aspirações, pressentimentos, insatisfações, necessidades em relação a algo além e superior à normalidade.

É justamente isto que produz muitas vezes a angústia existencial. Em outros casos, sem atravessar esta crise de angústia, há um avançar mais gradual, mas insistente, até os níveis superiores da realidade. Maslow interpretou bem estes fatos com sua concepção das necessidades humanas. Ele diz que existem necessidades primárias, que chama de “básicas” (basic needs), uma vez que são baseadas nos instintos fundamentais. Mas além destas existem as “necessidades superiores” (higher needs) que, como ele justamente afirma, são tão reais e prementes quanto às necessidades de base. Por isso as chamou de “instintoides”, isto é que participam da qualidade e da natureza dos instintos, sendo, no entanto diferentes dos instintos de base. Maslow estudou e descreveu o que ele chamou as “Peak experiences”, experiências de pico. Deste modo foi-se constituindo uma psicologia dita transpessoal ou também a “quarta força na psicologia”.

O terreno de encontro dos seus cultores é o “Journal of Transpersonal Psychology: uma boa exposição dos vários aspectos, da psicologia existencial está contida no livro que tem este título, publicado por Rollo May, do qual há uma tradução italiana editada pela Astrolabio, onde estuda as experiências que transcendem às comuns, e que como se sabe tinha iniciado antes. William James, também aqui, foi um pioneiro. Ele as estudou tais experiências magistralmente em uma série de conferências reunidas em um volume com o título “Varieties of Religious Experiences”. Ele dá à palavra “religioso” um sentido amplo, largo, que se poderia denominar “experiências espirituais”, e para as quais Maslow criou a ótima designação “transpessoais”. Este termo evita o sentido vago demais, aliás, os sentidos múltiplos que se dão à palavra “espiritual” e certas ligações que se chocam, mais ou menos com a razão, a sensibilidade dos cientistas.

Outro pioneiro que estudou este campo quase contemporaneamente a James foi Bucke, que publicou seus resultados no livro já citado Cosmic Consciousness. É interessante notar que Bucke o fez depois de ter tido ele mesmo uma experiência de iluminação interna.

No campo estritamente religioso houve muitas outras colaborações valiosas, como as de Evelyn Underhill (Mysticism), de Heiler (Das Gebet), e etc.

Atualmente este estudo, e principalmente a pesquisa e a experiência de métodos e técnicas para alcançar níveis de consciência mais amplos e superiores, tornaram-se muito extensas e intensas.

Antes, porém, devo apontar outro ramo semi-independente da pesquisa psicológica, a parapsicologia.

Também esta foi geralmente ignorada e hostilizada pela ciência oficial; isto aconteceu por várias razões; acima de tudo pelo fato de que as investigações dos fenômenos parapsicológicos eram inicialmente ligadas ao assim chamado espiritismo e focavam quase exclusivamente na busca de criar relações com seres não vivos fisicamente.

Isto era feito, e vem sendo feito ainda, muitas vezes, de modo fanático e sem critérios científicos.

À parte disto, foi feita uma série de estudos sérios e profundos da fenomenologia. Neste campo um dos maiores pioneiros foi Myers, com seu livro "Human survival after bodily death"; porém no seu livro ele misturou o estudo dos fenômenos à tentativa de provar a vida após a morte. O mesmo fez outros dois cientistas, de grande valor no seu campo, dois físicos Oliver Lodge e William Crookers. Nas últimas décadas foi-se desenvolvendo uma parapsicologia estritamente científica, também universitária, a qual evitando o problema da vida após a morte concentrou-se na constatação e interpretação dos fenômenos parapsicológicos. Um dos seus melhores cultores foi Rhine, que o fez por muitos anos em um laboratório na Ducky University nos Estados Unidos.

Existem agora dois professores que têm uma cátedra universitária, Tenaieff na Holanda e Bender na Alemanha. Nestes últimos anos também na Rússia houve um florescer de pesquisas parapsicológicas.

Paralelamente à evolução da psicologia humanista, desenvolveu-se a Psicossíntese. Já em um artigo meu intitulado "A psicologia das ideias-força e a psicagogia", publicada em 1909 na "Revista de Psicologia Aplicada", lá estavam germinando a maior parte das concepções e métodos da psicossíntese. Citarei alguns trechos, não para estabelecer prioridades (uma vez que estas no campo científico, pouco interessam ou deverão interessar), mas para colocar em evidência como a psicossíntese participou plenamente desde o início do campo psicológico humanístico. Faço-o também porque o programa deste está ainda longe de ser realizado; ele suscita ainda resistência, controvérsias e incompreensões, pode-se dizer que está ainda em um estágio inicial. Apesar de a psicossíntese ter trazido à psicologia humanista sua contribuição, ainda tem muito a oferecer para seu desenvolvimento e afirmação. Na introdução do artigo das várias linhas de desenvolvimento da psicologia clínica ou psicopatológica, dos estudos sobre experiências religiosas e espirituais, e seus fenômenos parapsicológicos (que até então eram chamados "metapsíquicos"), acenavam que aqueles estudos assim díspares e muitas vezes aparentemente antagônicos se corrigiam, completavam-se e iluminavam-se alternadamente. Rapidamente era observado: "Certo que esta grande síntese de tendências diversas mal começa a delinear-se incerta e distante, ainda contrastadas por persistentes pré-

juízos e numerosos mal entendidos, ocorriam, no entanto grandes esforços de mentes abertas para realizá-la, mas todo estudioso livre de pré-conceitos pode levar sua contribuição a esta obra”.

Diria então que a admirável vida psíquica começava a reconhecer a enorme complexidade, o incessante dinamismo, as amplas regiões ainda inexploradas, e as insuspeitáveis energias extraordinárias. Viu-se depois, que a psique não é algo rígido e independentemente de ser somente observada e descrita como uma peça de quartzo ou uma cebola, ou se presta a experimentos como um sapo ou uma tartaruga, é no entanto, maravilhosamente plástica e presta-se a ser profundamente modificada de modos variados.

Porém, eu dizia que se a psique é profundamente modificável, sua própria complexidade e plasticidade fazem-na escapar continuamente de quem procura plasmá-la. Portanto para modificá-la não basta agir sobre ela de modo empírico e irregular, mas é preciso, com os dados recolhidos por meio de um estudo acurado da sua natureza e das leis que a governam, constituir uma série de métodos práticos e eficazes, independentes de toda doutrina filosófica específica.

Para indicar o conjunto destes métodos, tinha proposto retomar o antigo nome de “psicagogia” dado por Platão, nome que de um lado indica o caráter prático e ativo da disciplina, do outro mostra que não se trata da educação de faculdades separadas, mas da cultura integral de toda psique. Nisto já existia essencialmente a concepção da psicossíntese, palavra que foi usada publicamente de 1926 em diante.

Diante destas possibilidades de modificação e transformação da psique, dizia: “Agora não servem mais todas as cômodas desculpas, todos os pretextos e sofismas que se escolhem usar em direção a nós mesmos e em direção aos outros para justificar as nossas fraquezas e as nossas covardias e para continuar a cometer tolices”. Agora não se pode mais dizer: “O que queres! Fiz assim!”. “Este é o meu temperamento não posso mudá-lo. Quando vejo certas coisas não posso frear-me”. Agora sabemos que o nosso caráter, longe de ser rígido e imutável, modifica-se cada dia pela ação de inumeráveis influências, estejamos nós conscientes ou não. Trata-se, portanto de decidir se tais modificações devem ser deixadas ao acaso e, portanto, permanecer lentas, contraditórias, caóticas e muitas vezes nocivas, como são agora, ou então ser produzidas conscientemente, coordenadas segundo um plano harmônico, intensificadas e dirigidas a libertar-nos das tendências não desejadas e a realizar uma vida psíquica mais elevada, mais livre e mais fecunda. Não existem desculpas para não empreender esta obra de domínio da nossa psique e para não a continuar incessantemente cada dia e por toda vida.

Entre os métodos usados, indiquei que a primeira prática a ser realizada de modo sério e metódico é o recolhimento e a reflexão meditativa.

É evidente que não se pode falar de cultura da psique se não se parar de viver, por assim dizer, na superfície da consciência deixando executar automaticamente o jogo das ideias-força.

É preciso, no entanto curvar-se e, por meio de uma acurada, serena e aguda interpretação, analisar, livres de cada temerosa estagnação e toda hipocrisia, todo o conteúdo da nossa psique, sem deixar-se espantar pelos monstros inesperados nem ofuscar pelo brilho de alguma pedra preciosa.

É preciso principalmente aproveitar os momentos de calma para diferenciar clara e definitivamente as nossas inspirações mais elevadas e a multidão de tendências, impulsos, pré-conceitos, atitudes mentais, que constituem a indesejável hereditariedade do nosso passado, tanto próximo quanto distante.

Tais análises e tais discriminações não devem por certo permanecer puros reconhecimentos intelectuais. Ao contrário, elas devem transmutar-se imediatamente, direi quase automaticamente, em propósitos práticos, em decisões. Assim coloca-se em evidencia a função da vontade, uma vez que, repito, a decisão é um dos estágios essenciais da ação volitiva.

Para o domínio da mente, é necessário fazer numerosos, metódicos e insistentes exercícios de concentração. Mas os exercícios especiais de concentração constituem-se somente numa preparação contínua. Neste estado, qualquer que seja a atividade que nos ocupe, seja ela fácil ou difícil, divertida ou enfadonha, insignificante ou grave, a mente deve estar rigorosamente concentrada nela, excluindo qualquer outra.

Não se acredita que a concentração implique necessariamente em esforço e tensão; aliás, ela pode acontecer naturalmente, de modo fácil e quase automático, isto é justamente o objetivo ao qual tendem os exercícios especiais. Porém alguns poderão objetar que um estado de contínua concentração tenderia a reduzir a nossa vida a uma rigidez excessiva e compassada, insensibilizando as vivas fontes do sentimento e da inspiração. Este temor é injustificado. Nossa mente deve dominar somente os pensamentos heterogêneos e desagradáveis, as tendências reprováveis, as preocupações fúteis, as apreensões inúteis, mas deve dar felizmente livre passagem a cada bela ideia, a cada aspiração luminosa, a cada impulso elevado. Uma vez que podemos prever os efeitos de determinada leitura ou observação, da visão de uma certa obra de arte, do estudo de uma certa filosofia, se não nos servirmos sistematicamente destas previsões para modificar-nos e melhorar-nos, a culpa é somente nossa.

Era então claramente indicada a responsabilidade em expor-nos e aos outros às influências nocivas, negativas e neutralizá-las com a exposição à influências positivas.

Em relação a isto existe agora uma grande inconsciência e – ainda pior – um deliberado propósito de não se dar conta, porque contrapõe-se com vastos e potentes interesses financeiros.

Assim, por ignorância ou cinismo, a humanidade se vê exposta às descrições e imagens de violência e pornografia sob influências destrutivas. Trata-se de um verdadeiro *smog* (*névoa de poluição*) psíquico, mais nocivo do que o químico. É difícil lutar contra a vasta escala e tal envenenamento, mas cada um pode ao menos procurar proteger-se a si e aos outros, principalmente as crianças e os adolescentes e

usar os antídotos que a psicologia coloca à disposição com várias de suas técnicas. Uma das mais simples, mas que se demonstra eficaz foi exposta e difundida pelo nosso Instituto e por outros Centros de Psicossíntese no exterior: as “Palavras Evocativas”. Outro método, indicado em meu texto de 1909, é o de “agir como se”, baseado na lei que: Cada ato externo tende a despertar e a intensificar o sentimento correspondente.

“Esta lei presta-se a ser aplicada continuamente de mil modos diferentes. Do esboçar um sorriso para expulsar uma preocupação, ao mostrar insólita cordialidade a uma pessoa para superar em nós um ressentimento que reconhecemos injusto e mesquinho, não há, pode-se dizer, circunstância na qual o sábio uso de tais recursos não seja de grande valia”.

Digo por fim que com o uso destes métodos psicológicos podem ser desenvolvidas as funções superiores psicoespirituais: a intuição, a consciência mística, a visão interior e concluo o artigo assim:

“É hora de banir definitivamente as negações apriorísticas e reconhecer que não só no céu e na terra, mas também na alma humana existem muitos mistérios cuja existência nossa tímida razão apenas começa a suspeitar. Se, portanto, de um lado a psicagogia deve tender a elevar e aperfeiçoar a consciência comum, por outro há a tarefa de tentar expandi-la, guiando-a à conquista das misteriosas e fascinantes regiões do subconsciente e da consciência espiritual”.

Voltando a falar do estado atual das pesquisas e aplicações psicológicas, pode-se dizer que, além da multiplicidade de movimentos e correntes diversas, é colocado em evidência um conflito que respeita, ou é manifestação de uma das situações existenciais que enumerei e que será tratada em uma das reuniões deste curso pelo Dr. Caldironi. Trata-se do conflito entre os comportamentos dinâmicos e estáticos. Pode-se observar que, tanto no indivíduo quanto nos grupos e na sociedade, existe um contínuo contraste entre a adaptação, a tendência à homeostase e também a tendência à regressão, a estados precedentes de um lado, e do outro o impulso ao desenvolvimento, ao crescimento, à realização de novas possibilidades, que se poderão chamar a “transcendência do presente”.

Este conflito existencial, no campo da psicologia humana, manifesta-se de vários modos. Existe agora pesquisa e tentativas apaixonadas para alcançar a ampliação da consciência, para penetrar em níveis mais altos da vida; isto se encontra principalmente entre os jovens e se caracteriza pela multiplicação do que chamamos “growth groups”, “grupos de crescimento” ou “pelo crescimento”. Mas contra esta tendência há fortes relutâncias e oposições. É interessante examinar mesmo que seja rapidamente, as razões, ou melhor dizendo as causas, uma vez que elas não são na realidade “racionais”. Um dos aspectos mais evidentes do desejo de transcendência, do impulso à transcendência, manifesta-se como exigência de liberar-se de condicionamentos, de limitações de ideias, de formas mentais, restrições que são sentidas como obstáculos para uma vida mais elevada e plena; como aspiração a desenvolver novas atividades em campos antes impedidos.



Mas esta tendência colide com a relutância, aliás, medo, em assumir responsabilidades, em “empenhar-se”, como pede a mais ampla participação vital. Assistimos ao fato paradoxal que de um lado se pede, aliás, se pretende a liberdade, e quando se consegue conquistá-la, muitos não sabem o que fazer, encontram-se desorientados, mais ou menos conscientemente, procuram novos pontos de apoio e submetem-se a novas autoridades, muitas vezes ruins. Este fato foi colocado em evidência por Herman Keyserling e Erich Fromm, que o trata em seu livro intitulado justamente “Escape from Freedom”, “Fuga da Liberdade”.

Uma segunda causa consiste no fato de que quem procura ou tem as experiências transcendentais descobre bem cedo que para manter-se naquele nível superior, para integrá-lo na personalidade comum, para valorizá-lo, é necessária uma ação interna de disciplina e de autodomínio. Mas disto poucos, principalmente os jovens, querem ouvir falar, aliás, existe uma reação muitas vezes violenta contra ela. Tal reação é devida em grande parte à rebelião contra as rígidas e excessivas coerções do passado, mas é determinante também pela fundamental preguiça interna inata no ser humano, até mesmo naqueles que se mostram muito ativos, no externo. São agora colocados muito em evidência os instintos ativos, principalmente os de autoafirmação e satisfação sexual e afetiva, mas é forte também a tendência, que se pode considerar como a contraparte psicológica da homeostase fisiológica, isto é a tendência a um equilíbrio estático, manter o estado atual eliminando tudo que possa perturbá-lo, todo esforço mental.

Existem pessoas nas quais encontramos ambas as tendências; isto as torna ambivalentes e, portanto, muitas vezes contraditórias nas suas atitudes e ações. A ambivalência é um mecanismo psicológico muito difundido que faz compreender muitas manifestações do comportamento humano que surpreendem e desconcertam.

O campo que suscita talvez as hostilidades mais intensas por grande parte dos psicólogos é o da parapsicologia. Isto se explica pelo fato que alguns fenômenos parapsicológicos levantam fortes dúvidas sobre a validade de doutrinas e concepções as quais muitos cientistas estão ligados e que fazem parte das suas mentalidades. Os mais inquietantes e, direi, revolucionários a este respeito são os fenômenos de bilocação. Certo número de pessoas teve e descreveu a experiência de encontrarem-se conscientemente fora do corpo, isto é, de vê-lo deitado no leito, enquanto estavam conscientes de ser e mover-se independentemente no quarto e até mesmo andando em outro lugar. Tais fenômenos e experiências não são novos, encontramos muitos exemplos na literatura religiosa, nas biografias de santos e de místicos. São bem conhecidos no oriente, onde alguns yogues afirmam poder sair do seu corpo e retornar à vontade.

Estes fatos fazem desmoronar um dos princípios, que poderia ser chamado um dogma, ao qual aderiram também alguns psicólogos de vanguarda: o da unidade psicofísica indivisível.

Neste ponto creio ser útil indicar as relações e diferenças entre a “psicologia do alto” e transpessoal e a parapsicologia. De fato, existem muitas pessoas que tendo estes fenômenos parapsicológicos, sensibilidades especiais, por exemplo, fenômenos

telepáticos e premonições, consideram-nos como faculdades superiores e aproveitam as oportunidades de vaidade e senso de superioridade diante daqueles que não as têm. Mas isto é um erro baseado na falta de consciência do conjunto da fenomenologia parapsicológica. De fato foi constatado que muitas vezes as sensibilidades paranormais encontram-se em pessoas que não somente não são desenvolvidas mentalmente e espiritualmente mais que o normal, mas são psicologicamente subnormais. Há ainda mais: foi observada a existência de sensibilidades parapsicológicas também nos animais. Por isso aquela empolgação, aquele senso de superioridade de muitos médiuns e sensitivos, não tem razão de ser. As faculdades parapsicológicas são independentes do desenvolvimento intelectual, moral e espiritual.

Outra causa de oposição contra a psicologia transpessoal é a hostilidade individual e coletiva contra o que é superior, até por parte de seres que estão em um nível evolutivo psicoespiritual mais avançado em relação ao normal.

Isto se explica facilmente: reconhecer que outros são superiores suscita um senso de inferioridade, fere o orgulho, a vaidade, a presunção. Por isso pode-se notar, até mesmo fora da psicologia, na cultura, ou assim dita cultura atual, em muitos intelectuais, uma verdadeira fúria em “rebaixar” os seres superiores, ao colocar em evidência com comprazimento as suas fraquezas, também seus vícios, acreditando assim reduzi-los a um nível comum, sem se dar conta que a existência destes lados inferiores neles não tem nada a ver com a existência dos aspectos superiores, dada a multiplicidade e complexidade da natureza humana.

A hostilidade contra o que é superior tem consequências danosas principalmente no campo educativo. A par da ignorância de educadores que se ocupam de jovens superdotados, há uma imensa maioria negligenciando encontrá-los e ajudá-los. Mas eles, não sendo reconhecidos, apreciados e ajudados, naturalmente rebelam-se e tornam-se não raro, sem dúvida, antissociais. Foi constatado que entre crianças e jovens das assim ditas “casas de correção” (que seria mais justo chamá-las “casas de corrupção”) encontram-se os superdotados.

Esta hostilidade em relação ao que é superior encontra uma aparente, mas inconsistente justificativa no falso conceito de democracia que muitos mais ou menos conscientemente têm. A verdadeira democracia consiste em oferecer a todos as mesmas oportunidades, mas não em “nivelamento para baixo”. Falei da psicologia transpessoal não somente por seu valor e importância por si mesma, mas porque ela é estritamente ligada ao tema geral das reuniões deste ano: As crises existenciais e suas soluções psicossintéticas. De fato fica claro que não somente a angústia existencial, mas, que em muitos casos, as situações e crises existenciais de todo tipo não podem ser resolvidas de modo satisfatório sem levar em conta os fatores que genericamente são conhecidos como espirituais, mas que agora são designados de modo mais definido como atividades do nível psíquico supraconsciente e relações existentes entre o eu ou self pessoal, o Eu espiritual e a Realidade superindividual.

É necessário levá-los em conta e usar métodos para ativá-los e utilizá-los. Nisto se baseia o princípio geral de que os problemas e conflitos humanos podem ser

resolvidos de modo satisfatório no nível em que existem, mas somente a partir de um nível mais elevado, no qual, e do qual, os termos opostos encontram uma conciliação e regulação construtiva.

Muitas vezes as situações existenciais estão conectadas entre si, aliás, pode-se dizer que em qualquer medida o são sempre, uma vez que se apresentam na vida do mesmo ser humano no qual várias experiências e manifestações podem ser diferentes e contrastantes, mas não de todo separadas, fazem parte dele na sua totalidade.

A concepção humanista por isso, é parte integrante da psicossíntese e os seus métodos oferecem a base e os meios para as melhores soluções dos vários problemas existenciais que se apresentam na educação, na terapia, no desenvolvimento individual, nas relações interpessoais e sociais, e naquelas com o cosmos (em todos os níveis: físico – psicológico – espiritual). Nós nos propomos e esperamos cooperar assim para que a humanidade saia da atual condição de desordem, conflitos e desorientação – da sua crise existencial coletiva – e que possa criar uma nova civilização e uma nova cultura nas quais as suas admiráveis potencialidades sejam realizadas.